

Francisco Alves de Andrade e Castro

OSWALDO EVANDRO CARNEIRO MARTINS (*)

Francisco Alves de Andrade e Castro se deve classificar pela categoria de antropólogo no Instituto do Ceará Histórico, Geográfico e Antropológico. Aliás, é como se situam numerosos membros desta instituição acadêmica alocados nos campos de ciências que não são *stricto sensu* históricas ou geográficas, possibilitando que nomes como Pompeu Sobrinho compusessem nossa convivência. Desse modo, até poetas podem ingressar no Instituto de Ceará. Conceição Sousa punha entre os versejadores quase todos os nossos sócios efetivos. E a essa regra não se excetuaria o homenageado de agora, sem demérito algum em face dos cultores da Arte Poética.

Duas definições defrontam-se perante qualquer intelectual: ou ele se baliza por conceitos próprios, ou por conceitos alheios. Renato Braga, ironizando os corifeus dessa última grei, dizia que eles, até para cumprimentar alguém, usariam a fórmula: Bom dia, como diz o doutor fulano! São os acacianos, os redundantes, os cientificistas. Francisco Alves nunca seria um deles, porque, como caracterizou certa vez o seu estilo o consócio mencionado por último, ele era um “derramado”, isto é, transbordava de talento e não devia a ninguém nenhuma vênia.

Evidencia-se a sua escritura por um traço marcante: a literariedade em detrimento do jargão tecnicista. Demonstrou que mantinha uma postura exotérica que aproveitasse a todos os leitores – dos corporativos aos liberais – contanto que os convertesse num público de suas idéias. Formado em direito também, agrobacharel, como muitos num Ceará que até 1938 possuía apenas 3

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

faculdades superiores para um mercado de trabalho com muita oferta insatisfeita e muito tempo ocioso, Francisco Alves tinha tanto de diletantismo quanto de profissionalismo. Todavia, essas eram circunstâncias pedagogicamente pouco repercutivas nele, porquanto jamais teria sido um juiz que se arrimasse ao preceito legal como um coxo à muleta. Elaborava as suas doutrinas, as suas teses e os seus pontos de vista arrancando-os do próprio intelecto, vale dizer, do próprio caráter no que possui de estrutural, isto é, não só extrinsecamente como partes adquiridas – o social e o moral – mas intrinsecamente como partes genéticas – o orgânico e o psíquico – nas quais a análise caracterológica se efetiva. Como advogado de ofício, seria um Sobral Pinto na defesa de um Prestes. Como advogado do diabo, terminaria implícita e explicitamente na defesa de um padre Cícero, que não é *jure et facto* para ser canonizado conforme a propositura conservadora.

Tinha muito do despojamento apostólico, do entusiasmo ufano-cívico e da militância idealista. Em 1934, estudante de humanidades que era então, descobriu um livro esquecido e abandonado pelos leitores da terra. Àquela ocasião não atentou ele no autor, mas na obra, a que se rendeu de pronto, tangido naturalmente pela pureza, a ingenuidade e a juventude. Conta-o, 20 anos depois de ter lido **O Ceará no Começo de Século XX** (1909), muito rara e importantíssima obra: "...este foi o meu encontro com Tomaz Pompeu de Sousa Brasil através de um dos seus livros monumentais" (cf. F. Alves de Andrade, **Tomaz Pompeu e o Seu Tempo**, Fortaleza, Editora do Instituto do Ceará, 1954, p. 10).

No decurso dos anos, ele se imprimiu firmemente a tônica agrônômica. Um período, que espelha essa atitude e conduta registrando uma luta intensa, foi, por exemplo, quando representou o governo do Ceará na SUDENE. O desenvolvimentismo de Celso Furtado não se coadunou com o de Francisco Alves. Certa feita, veio a Fortaleza o secretário daquela Superintendência, Cláudio Emanuel Correia Lima, amigo particular meu. Pedi-me este para acompanhá-lo à presença do governador Parsifal Barroso, a quem trazia a missão de propor substituição de Francisco Alves na representação do Ceará. O governador não concordou, dicen-

do: “Cada qual sabe onde o sapato lhe aperta: o professor fica”. O calo era a reforma agrária, pretendida por aquele órgão de planejamento regional nas bacias de irrigação dos grandes açudes públicos do Nordeste.

Realizáramos ambos a docência, a reciclagem e a catequese da Comissão Econômica da ONU para a América Latina – o disputadíssimo Curso de Treinamento em Problemas de Desenvolvimento Econômico –, ele, um ano antes de mim, mas divergíamos ideologicamente. Todavia, por ocasião do II Seminário da Universidade Federal do Ceará (1960), elogiou meu relatório de representante setorial nesse certâmen, considerando ter eu aplicado ali a metodologia cepalina. É certo que a Fazenda Experimental da Escola de Agronomia da UFC teve a mesma origem, sendo a desapropriação da área um processo calcado em trabalho meu, posteriormente publicado sob o título **Da Avaliação Estrutural da Terra** (cf. Boletim da Sociedade Cearense de Agronomia, junho/1963, p. 69-80).

Tal função supramencionada – de relator ou escriba, sem conotação alguma de subordinação ou de ironia, por ela ser realmente de mentor sub-reptício – Francisco Alves a desempenhara no I Seminário da UFC. Ele então declarou sua participação no documento oficial correspondente, depondo um tanto modestamente que “a resposta da escola foi dada através das seguintes reflexões das quais o autor deste ensaio foi o principal relator” [cf. **Ensino e Desenvolvimento das Ciências Agrárias no Nordeste (Ceará) 1918-1978**, Fortaleza, BNB, 1979.]

Esse livro de Francisco Alves, um volume de 555 páginas, foi prefaciado por Nilson Holanda, que rende uma menção de justiça histórica a duas grandes instituições cearenses, ou melhor, a três – pois Francisco Alves é uma delas – a saber:

“O Instituto do Ceará, por exemplo, vem desenvolvendo um amplo programa de pesquisas nas áreas de História, da Antropologia e da Geografia do Nordeste.

“E a Escola de Agronomia do Ceará, hoje Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, vem prestando serviços à agropecuária do Nordeste desde 1918.

“É a contribuição desta última que o Prof. Francisco Alves de Andrade se propõe a analisar neste estudo comemorativo do 60º aniversário da sua fundação” (loc. cit., p. 17).

A obra de Francisco Alves acima referida é monumental, na acepção que ele próprio atribuiu atrás ao livro de Tomaz Pompeu. Por ela se percorre a trilha da vida do autor. Distingui-lhe uma página ilustrativa no cerne da presente oração. Cogito da folha de rosto da tese de engenheiro-agrônomo do cearense Francisco Pacifico Caracas, formado pela Imperial Escola Agrícola da Bahia em 1884 e do quadro do Primeiro Diretório Acadêmico da Escola de Agronomia do Ceará (1927 – 1928). Para efeito iconográfico – na hipótese de publicação deste discurso – creio que o homenageado, se vivo fosse, sentir-se-ia plenamente satisfeito. É que ele sempre visava a sentir a história, a fazê-la cumprir a restituição da imagem, a trazê-la do cérebro para os sentidos, a conferi-la na realidade. E nada melhor para concretizar esse desiderato que a tese e quadro aludidos, transpostos da memória, tornados objetivos, metamorfoseados em coisa visiva. Dois dramas aí se anastomosam – a realização sociopedagógica do curso e a diplomação triunfal – inculcando de uma só vez no sujeito o poder da corporação e a autoconfiança da mente. Francisco Alves escreveu então sob o influxo evocativo do quadro diretorial de discentes e a tese titular de diplomados. Nesse livro o leitor agrônomo identifica a sua formação, o traço que imprime caráter, a marca que conduz à atividade profissional, assumida indelevelmente como deontologia.

Francisco Alves, agrônomo, se formou no sistema politécnico do ensino agrônomo, mas a evolução dos cursos superiores levou a sua geral desintegração em especializações, a tal ponto que hoje se vetam as disciplinas sociológicas e filosóficas que ele reivindicara no I Seminário da UFC (op. cit., p. 160-161). Por longo tempo enfermo, não pôde assistir ao remate do processo, com as atuais agências reguladoras a instaurarem o fascismo econômico no Brasil e o neocapitalismo totalitário a ditar o mercado global. Sepultara-se o princípio aprovado no II Reunião de Diretores de Escola de Agronomia e Veterinária (1952). O evento estatuiu “que o engenheiro-agrônomo deverá ter conhecimentos gerais sólidos

em Fitotecnia, Zootecnia, Engenharia Rural, Tecnologia e Economia, sem ser especializado em nenhum desses ramos, porém contando com o preparo para sê-lo mediante cursos de pós-graduação" (op. cit., p. 112).

Decepções teve-as Francisco Alves, mas não o abateram elas. Não as calou, reservando-se o direito de expressar sua opinião independente e sempre acenando para as soluções que julgava as mais acertadas. Fê-lo na vida e na obra, sobretudo na parte fulcral desta: **A Reforma Agrária no Polígono das Secas** (1959), **Agropecuária e Desenvolvimento do Nordeste** (1960), **Agronomia e Humanismo** (1967), **Renato Braga In Memoriam** (1969) e **Ensino e Desenvolvimento das Ciências Agrárias no Nordeste (Ceará) 1918-1978** (1979). Relata nesta última, que venho gizando, o caso da Fazenda Experimental da Escola de Agronomia da UFC, que é bem eloqüente. Faço a seguir uma extensa citação a respeito.

"Em 1961 a universidade adquiriu uma propriedade particular acrescida de áreas adjacentes, também compradas a diversos irrigantes, na bacia do açude General Sampaio, recompondo uma gleba de 823 hectares de terras, dos quais 100 irrigados.

"O imóvel assim integrado constitui hoje a Fazenda Experimental do Vale do Curu, localizada no município de Pentecostes, a cem quilômetros de Fortaleza, representando uma das unidades de apoio do Centro de Ciências Agrárias, destinada às atividades de pesquisa, ensino, extensão e produção como demonstração de resultados.

"A Fazenda Experimental está nucleada no sistema de irrigação do Curu, assim denominado pelo DNOCS. Se articulada com a comunidade envolvente de modo a participar do sistema, a Fazenda Experimental muito poderia contribuir para a dinamização do vale, onde o DNOCS objetiva a exploração hidroagrícola de 1.255 ha.

"Em 1960, considerando o volume d'água acumulável nos açudes do sistema Curu em milhões de metros cúbicos: 322,2 no açude General Sampaio; 395,8 no Pereira de Miranda; 202,0 no Caxitoré; 50,0 no Tejuçuoca e 3,0 no Serrota – 972,8 total, – o

autor de *Agropecuária e Desenvolvimento do Nordeste*, defendeu a idéia de um Projeto Piloto universitário, com a finalidade de ensino, pesquisa e extensão, que, aproveitando o grande açude público como centro dinâmico do desenvolvimento agropecuário, estenderia a toda a área do Vale do Curu compreendida pela bacia hidrográfica (8.350 km²) a assistência universitária de seus mestres e alunos, assistindo a comunidade e ensinaria a aprender fazendo (cf. F. Alves de Andrade, **Agropecuária e Desenvolvimento do Nordeste**, Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1960, p. 162-165).

“A conjectura ficou no livro e o autor evoluiu no sentido de aconselhar mais tarde o aproveitamento da idéia em uma fundação de apoio universitário, que será discutida em outra parte deste estudo. Todavia, para relembrar o histórico, à guisa de crítica que se faz oportuna, transcrevemos aqui o tópico seguinte” (faz a descrição da mudança de rumo) (cf. **Ensino e...**, p. 170-171).

O que lhe custou em amargura é o que custou à agronomia. A alteração do soberbo empreendimento castrou o próprio ícone de ensino, pesquisa e extensão. Não só no primeiro termo deste, mas na própria intenção de transcender o mesmo – a de ser também fonte de renda –, acrescentando às previsões orçamentárias a possibilidade concomitante de autofinanciamento. Medrara na UFC, com nefastas conseqüências, o pensamento contrário, a título de evitar-se concorrência com os produtos e serviços de origem privada, o que levou também ao naufrágio do Instituto de Tecnologia Rural.

Francisco Alves faz uma diagnose e prognose da situação. Em parágrafo retroativo e perspectico, extraído textualmente da obra em que me louvo, exarou e sentenciou:

“A Fazenda Experimental do Vale do Curu continuou a sua trajetória, operando como unidade de apoio interno do Centro de Ciências Agrárias, restringindo-se à pesquisa, a saber, à razão experimental, deixando até mesmo, por falta de recursos financeiros, suprimento financeiro, de servir ao próprio ensino, sem poder desenvolver a função produtiva como fazenda” (op. cit., p. 172).

Nessa obra permeada pela presença intelectual e quase sempre ergométrica de Francisco Alves, refletem-se o quanto e o como

em rigor cumpriu ele o lema agrônômico e a legenda sacramental dos formados em 1938 pela Escola de Agronomia do Ceará, de cuja turma fora o orador: “Estudaremos o Nordeste”(op. cit., p. 147). Era visceralmente geopônico. Fiel aos seus traços atávicos, caracterológicos e vivenciais, tematizou sempre o campo. Se romano fora, ele pertenceria ao rol dos scriptores de re rustica, desde um Collumela com seus 12 tratados sobre agricultura a um Virgílio de **Bucólicas** e de **Geórgicas**. A sua bagagem não se conforma com as denominadas obras completas, porque deixou dispersas as produções do seu trabalho intelectual, em locais, oportunidades e modalidades multifários. Será parcial qualquer inventário, recolha ou rastreamento da obra alvesina, desde participações informais até as concretizações mais acabadas, quer na oralidade exercitada nas salas de aula ou auditórios, quer na elaboração escrita em livros, artigos e outros conspectos.

Atribuí-lhe, de início, gênero no Instituto do Ceará: antropólogo. Ele o foi com Florival Seraine, em **Cerâmica Utilitária de Cascavel** (1959) e o foi desde antes, em **O Pioneiro Folclore no Nordeste do Brasil** (1950), valorizando Juvenal Galeno, seu “vigor profético”, como afirma a neta desse vate maior, Cândida Santiago Galeno (cf. F. Alves de Andrade e Cândida Maria S. Galeno, **Humanismo Telúrico do Nordeste**, Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1971, p. 18). Acho essa implicação o fato literário mais importante, depois que parnasianismo e modernismo talaram a seara. Houvera a crítica e subestimação de um bardo que só não teve título de príncipe porque este ainda não fora instituído àquele tempo.

Francisco Alves, antropólogo, preocupou-se com a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica que o conduziram a Cascavel e ao Folclore. Conferi, com ranço positivista que eu não conseguia eliminar, a sua saga, porém seduziam-me tanto seu estilo e magia de escritor – opulento manejador da nossa língua portuguesa – que as minhas reservas preconceituosas a pouco e pouco se desmoronaram. É que lhe favorecia a infra-estrutura de latinista egresso do Seminário da Prainha para a Faculdade de Direito do Ceará, com o que consolidara o primeiro aspecto no Direito Romano. Lembro-me de vezes quando me corrigiu o latim em expres-

sões e brocardos de uso corrente que freqüentemente intelectuais depreciavam por insuficiência específica. À Antropologia se subsume o Instituto do Ceará, que abriga assim profissionais não só de formação agrônômica como Guimarães Duque, mas também médicos como Osvaldo Riedel, sacerdotes como Rodolfo da Cunha, militares como Aurélio Câmara, filólogos como Martins de Aguiar, juristas como Clodoaldo Pinto etc., cada qual mais sôfrego por justificar-se como historiador ou historiógrafo. A pliniana – ou ciceroniana – “mestra da vida” compele os especialistas para a Antropologia.

Francisco Alves, ruralista. Sob esse ângulo era lírico. Escreveu, sobretudo, sob pressão interior, embora se extravasasse também em poemas, porém fez decisivamente prosa. Sua motivação, ao contrário do autor de **Bucólicas** e de **Geórgicas**, encomendadas respectivamente pelo governador Pollion da Gália cisalpina e pelo ministro Mecenas do imperador Augusto, estava em fonte originária que sempre lhe aprouve: a consciência, a fidelidade ancestral, o caráter. Como Virgílio, porém, exceluiu pela linguagem culta, com José de Alencar e Gonçalves Dias que exornaram seus índios com a mesma, traduzidos e guindados ao nível civilizado. Seria isso contradição, quando os antropólogos hodiernos tanto se afazem à dicionarização dos termos populares? Realmente. Ele poderia dizer com o historiador Nelson Werneck: “Eu não uso o chulo”. O seu objeto antropológico eram os valores positivos da cultura e a sua ênfase não comportava o estudo do vulgar, do calão e do fescenino.

Na sua ascensão ao mundo do saber chegou forçosamente à academia Cearense de Letras em 1970. Entretanto, 20 anos havia que galgara os degraus do Instituto do Ceará, porque a sua trajetória racional era o caminho que vai da ciência para suas aplicações e considera epistemologicamente a Vida Ativa, a Técnica e a Arte, nesta incluída a poesia. Eis como se explica o Francisco Alves que fez versos, sem detrimento de seus pares que os não fizeram. Foram do Instituto do Ceará sem nenhuma discriminação o naturalista Rodolfo Teófilo que escreveu poesias e o historiador da literatura cearense Dolor Barreira que não escreveu poesias.

Francisco Alves, vate, era aquele que se afeiçoa, que se enleva e intui antes de pôr-se sob cogitações metodológicas estritas, podendo nesse afã cognitivo alcandorar-se a imaginar, a sonhar, a levitar, a vaticinar. Seu critério era o humanismo, que em termos científicos é o ecologismo. Não era do seu feito enredar-se em profundas questões ontológicas e por isso nunca se propôs vulnerar as fronteiras da matéria visando a que o homem transformasse os seres – inertes, vivos, conscientes e artificiais – em uma reciprocidade de transições, superando a dialética natural. Professor de Agronomia, repugnar-lhe-iam por certo práticas como o uso de anabolizantes, de clones, de transgênicos etc., que tanto heretizam a natureza a título de produtividade. Há meio século já proferia magistral definição desse tipo de economia que é talvez de inspiração maltusiana à socapa, proclamando: “O crescimento desequilibrado padece de falta de ecologia, como de falta absoluta de humanismo” (cf. **Os Recursos Naturais numa Visão Sistêmica do Desenvolvimento Econômico e Humano**, Natal, EMPARN, 1952, p. 10). Roborem-no culturas *in vitro*.

Francisco Alves era cientista social, mas não pensava como os sociólogos positivistas, que consideram o fato social coisa, *verbi gratia* Durkheim, entre os quais há os que podem chegar ao extremo de conceber a sua ciência como experimental, maquiavélica ou satânica. Nunca embarcou nessa canoa. Disse-me, conquanto desnecessário para mim, que possuía sempre válidos argumentos para polemizar em defesa das suas posições com quem quer que fosse e em qualquer lugar ou momento. Máxime por isso mesmo, não me é preciso tirar ilacões do seu ecologismo e humanismo doutrinários, para afirmar que jamais foi cético ou pessimista, pois isto nele provinha e se dispunha originariamente como temperamento e faculdades, como fisiológico e psíquico, infra-estrutural e hereditário. Tudo lhe apontava as soluções humanas e quiçá humanitárias para os nossos problemas.

Os exemplos, em que se louvava sugestivamente nas suas pesquisas, encontrou-os nas informações históricas coligidas. Para ilustrar, seja a sua investigação sobre a palma inerme para alimentação do gado durante a seca. Supõe-se que os espinhos dessa

cactácea foram eliminados pelo botânico norte-americano Burbanks, na mesma linha de pesquisas análogas do botânico russo Mitchurin. Suas pesquisas sobre essa planta, que ele descreve num ensaio publicado no Boletim da Sociedade Cearense de Agronomia (cf. **Zootecnia e Desenvolvimento do Nordeste Brasileiro**, 1960, p. 103-175), remontaram a um inseto – cochonilha ou tuna – de que esse vegetal é o hospedeiro. Mostram que ele lidava com uma planta útil de duplo aspecto. É que o inseto produzia carmim, corante de alto valor comercial no passado. Emocionante foi sua descoberta, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, da tese sobre a cultura do nopal para criação de cochonilha (1886), para obtenção do grau de agrônomo pela Imperial Escola Agrícola da Bahia, de José Geminiano Gomes Guimarães. Esta a primeira descoberta, mas vem a segunda: "... subindo a torrente bibliográfica, deparei-me com um dos mais antigos livros da biblioteca, isto é, a mais antiga fonte sobre o assunto, referente à utilização econômica da palma no mundo. Tal livro, pertencente à biblioteca de Dom João VI, veio a luz em 1787". Mantida ortografia, o título dessa obra: "Traité de la culture du Nopal et de l'éducation de la cochonille dans les colonies françaises de l'Amerique, précédé d'un Voyage à guaxaca, par M. Thiery de Menonville, Avocat en Parlement, Botaniste de sa Majesté très Chretienne, au quel on a ajouté une preface des notes et des observations relatives à la culture de la cochonille, avec des figures coloriés" (loc. cit. p. 149).

Francisco Alves confiava muito no conhecimento axiológico, que nos proporcionam o sentir e o agir, destes decorrente, tanto quanto da lógica que nos proporciona o pensar, decorrente da elevação do nível sensível ao intelectual. Digo isso por oposição aos que se bandeiam para o segundo saber e substituem o primeiro. Há descumprida uma tarefa que se nos antolha e não se compadece com omissões, descuidos, inconseqüências e descompromissos, de cunho mais ético que técnico, os quais podem fragilizar o Instituto do Ceará. Quero enfatizar, em cotejo com a pesquisa da palma comentada acima, a carência de acadêmicos do porte do autor da mesma. Faz-se mister a identificação do acadêmico com a academia. Quatro pontos dessa sintonia – o

trabalho voluntário, a inércia do sistema, a responsabilidade sinérgica e o espírito de confraria – são referenciais coletivos e pessoais a observar na construção e manutenção da mesma. A tarefa descumprida – concreta e assumida, mas praticamente inconclusa – é um trabalho hercúleo, há 54 anos previsto, referido à guisa de cobrança 8 anos depois, a saber: “numa memorável sessão do Instituto do Ceará, realizada no último mês do ano de 1938, resolveu o plenário encarregar-se da grave responsabilidade de escrever e editar uma exaustiva História do Ceará, obra tão completa quanto lhe fosse permitido” (cf. Th. Pompeu Sobrinho, **Protohistória Cearense**, Fortaleza, edições UFC, 1980, p. 43). Francisco Alves elaborou substanciosa introdução ao livro citado. então em 2ª edição.

Grandes acadêmicos inclui nestas palavras em função de Francisco Alves, mas faltou-me Mozart Soriano Aderaldo, que a minha vaidade de lotado na sua vaga quer relembrar. Ocorre-me que, como se possível fosse, ambos deveriam sancionar os nomes dos seus sucessores, para estes não sentirem jamais o desconforto da incerteza e desconfiança de que não estariam à altura das cadeiras que lhes couberam. Creio ser isto *conditio sine qua non*, na adjudicação do status inerente à entrada na academia.

Agora me cumpre fechar a minha fala proferida para efeito da presente postumária de Francisco Alves. Devo retomar seu nome reverenciado por todos e referenciado com confrades seus que venho escolhendo como pano de fundo do Instituto do Ceará. Elejo Djacir Menezes para o papel final, sob denominador comum com o homenageado: ambos poetas, o primeira de estro ignorado e o segundo de estro ostensivo. O interessante é que um estaca na aporia enquanto o outro a transcende – o descrente e o crente na possibilidade espiritual –, cada um precedido da sua crítica à realidade que confutam. Transcreverei adiante, para rematar com chave de ouro – já que se trata de poesia – um soneto dodecassilábico sem hemistíquios intitulado **Rendas do Apocalipse** e uma estrofe de hexassílabos canônicos inserta no longo poema em versos brancos e soltos **Saudação à Bandeira do Líder Rural**.

Mencionei acima acadêmicos inteiramente históricos. Posto que pertençam ao passado, não implicam detrimento ao presente. Adstrito a tal alvitre, evitei melindres, discriminações e injustiças. Ative-me à ordem discorrida, sem nenhuma precedência nos nomes contemplados, saneando de preocupações e dificuldades intercorrentes a oração com que me obriguei.

Para efeito retórico, repico esses antigos membros do Instituto do Ceará: Pompeu Sobrinho, Conceição Sousa, Renato Braga, Tomás Pompeu, Parsifal Barroso, Florival Seraine, Juvenal Galeno, Guimarães Duque, Osvaldo Riedel, Rodolfo Cunha, Aurélio Câmara, Clodoaldo Pinto, Martins de Aguiar, Rodolfo Teófilo, Dolor Barreira, Mozart Soriano e Djacir Menezes. Assim, adotado um critério pessoal, enceto e encerro a relação com dois gigantes, que seriam estância e instância vígeis, antolhadas ao intelectual recipiendário no palácio acadêmico.

O último convocado do elenco e o último chorado do cenáculo, contracenados e eixados na condição poética de acordo com o que anunciei e enunciei atrás, testificaram sua atitude mental nos versos que legaram.

Disse Djacir Menezes (in Revista CLÃ, nº 24, Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1968, p. 10-11):

O mundo retaliado é um selva sangrenta.
Bombardeiros espiam fronteiras trancadas
E perpassam no céu, qual nuvem agourenta,
Co'a gravidez sinistra das bombas caladas.

O pensamento é ativo. Não pára: fermenta
De equações nucleares mui bem demonstradas.
O espírito é suspeito na terra irredenta,
Cauterizado a fogo nas guerras passadas.

Espártaco fugiu: já não mais vive entre os vivos.
O medo reza preces em todos as falas
E gagueja na voz de todos os cativos.

Que rumores são estes? Não vêm de senzalas:
– É a feliz digestão dos homens lucrativos
Que calculam as rendas em milhões de balas.

Disse Francisco Alves (cf. **Humanismo Telúrico do Nordeste**, cit. p. 23-24):

Bandeira do Brasil,
Desperta os teus profetas!
Ainda há consciência
E almas de poetas
Que marcharão contigo
Para a libertação!

(Palestra proferida no dia 23/10/2001, no Instituto do Ceará, em homenagem a esse sócio efetivo recém-falecido.)

Francisco Alves de Andrade e Castro na Revista do Instituto do Ceará

PEDRO ALBERTO DE OLIVEIRA SILVA^(*)

Verbetes transcritos do Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará (Tomo 69 ao 109, 1955-1997.)

ANDRADE e Castro, Francisco Alves de.

Frondes e raízes do Ceará.

t. LXXI (1957): 178-184.

Discurso. O A. depois de fazer referência aos quatro primeiros presidentes do Instituto do Ceará, destaca a participação de Pompeu Sobrinho, como cientista e homem público, registrando seus dados biobibliográficos.

____ **Notas para a história da palma forrageira no Nordeste.** t. LXXIII (1959): 168-172.

Breve histórico, com referências bibliográficas, sobre a intro-

dução da palma forrageira no Nordeste brasileiro. O A. declara abrir roteiros para o estudo desse assunto.

____ **Estrutura agrária do Ceará (Uso e distribuição de terras).**t.

LXXVII (1963): 77-90.

Dentro da realidade fundiária cearense é enfocado o contexto das atividades do criatório e agricultura, tomando como referência dados dos Censos de 1920-1940 e 1960. O A. é professor do Curso de Agronomia da UFC.

____ **Considerações sobre o projeto da SUPRA.** t. LXXVIII (1964):

129-137.

O A. expõe defeitos do projeto da Superintendência da Reforma Agrária, então apresentado pelo governo federal. Como conhecedor do assunto, faz críticas e indica soluções para o problema fundiário atual. Foi trabalho polêmico devido contestar a política oficial esquerdizante daquela época.

____ **Estrutura agrária no Ceará.**

t. LXXIX (1965): 58-74.

Caracterização fisiográfica, econômica e agropecuária do território cearense. Excelente estudo, muito informativo, para o conhecimento da potencialidade socioeconômica do Estado. O A. usa dados censitários de até 1960.

____ **O Seminário de Fortaleza e a cultura cearense.**

t. LXXIX (1965): 261-273.

Síntese histórica sobre o Seminário da Prainha como instituição formadora de sacerdotes católicos. Contém muitas informações históricas sobre aquele estabelecimento religioso. O A. registra bibliografia.

Agronomia e Humanismo.

t. LXXX (1966): 7-66.

Exposição clara, direta e informativa sobre os seguintes aspectos: as estruturas e a ótica dos conhecimentos; beligerância de idéias e profissões; os conceitos de agronomia; compreensão e incompreensões doutrinárias; mudança do papel da agricultura no desenvolvimento econômico; e agronomia no universo da cultura humanista; organograma das ciências técnicas e atividades relacionadas com a agronomia; ramos da agrono-

mia, compreensão e objetos setoriais. A agricultura e as desigualdades regionais e setoriais.

— **O Instituto do Ceará e a Universidade.**

t. LXXXI (1967): 281-285.

Discurso proferido na solenidade na qual foi conferido o título de Sócio Benemérito ao Reitor da Universidade Federal do Ceará, Prof. Fernando Leite.

— **Três humanistas do Instituto do Ceará.**

t. LXXXII (1968): 23-40.

Memória sobre Thomaz Pompeu Sobrinho, Pe. Rodolfo Ferreira da Cunha e Manoel Antônio de Andrade Furtado, apresentada em sessão solene do Instituto do Ceará, aos mesmos dedicada.

— **Centenário de um juiz.**

t. LXXXIII (1969): 124-136.

Discurso pronunciado no I.C. em sessão comemorativa ao centenário de nascimento do Desembargador Luís Gonzaga Gomes da Silva (1869-). Contém resenha biográfica do homenageado, sem constar sua data de morte.

— **Um benemérito da cultura cearense.**

t. LXXXIV (1970): 185-199.

Síntese do discurso proferido por ocasião da solenidade na qual foi conferido ao Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora o título de Presidente de Honra do Instituto do Ceará.

— **Uma rua maestro Silva Novo.**

t. LXXXVI (1972): 300-304.

Traços biográficos do Maestro Euclides Silva Novo (1889-1970). Nasceu em Maceió e faleceu no Rio de Janeiro e esteve muitos anos radicado em Fortaleza.

— **Bases para o desenvolvimento agrário do Brasil.**

t. LXXXVI (1972): 235-241.

Discurso proferido por ocasião da abertura da Semana do Engenheiro-Agrônomo, na Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 09.12.1972.

— **Fortaleza e a integração urbano-rural.**

t. LXXXVII (1973): 197-214.

O trabalho envolve os seguintes aspectos: elevação da vila de Fortaleza à categoria de cidade; a existencialidade de Fortaleza numa compreensão global; acantonamento geográfico; a cidade e a geografia estética; a tradição e a intelectualidade; a integração urbano-rural.

Presidente de Honra Dr. Fernandes Távora o adeus do Instituto do Ceará.

t. LXXXVII (1973): 217-218.

Necrológio.

Geografia ativa do pastoreio - A problemática zootécnica frente a estrutura agrária.

t. LXXXVIII (1974): 58-87.

A importância da pecuária no Brasil, desde o século XVI até o século XX. O A. explica a estrutura fundiária e sua dinâmica.

O Presbítero e os Sertões de Mombaça (Em memória do Padre Francisco Lino Aderaldo de Aquino).

t. LXXXIX (1975): 15-55.

O A. inicia o trabalho ressaltando a figura histórica do Padre Francisco Lino e a importância do Seminário da Prainha na formação educacional da juventude sertaneja. Discorre, em seguida, sobre as origens histórico - geográficas do município de Mombaça (CE), englobando troncos genealógicos da região. Encerra o estudo, publicando um poema intitulado "Saga dos Sertões de Mombaça", em doze páginas. Registra uma bibliografia de vinte e um autores.

Uma consciência ecológica frente a problemática econômica de um mundo escasso.

t. XC (1976): 38-53.

Trabalho sobre Ecologia, de excelente qualidade, contendo numerosa bibliografia. O A. questiona a "crise do crescimento em um mundo de recursos finitos", dentre outras realidades. Aula de conclusão do Curso de Agronomia da UFC, em 17.12.1976.

O Banco do Nordeste no Instituto do Ceará.

t. XCI (1977): 217-234.

Discurso proferido na solenidade na qual foi conferido o título de Sócio Honorário do I.C. ao economista Nilson Holanda, Presidente do Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

_____ **Formação do oficial do exército.**

t. XCI (1977): 347-352.

Registro bibliográfico do livro "Formação do Oficial do Exército", de autoria de Jeovah Motta, lançado na Livraria Renascença, Fortaleza, em 11.01.1977.

_____ **Legenda de fé e esperança de um homem símbolo.**

t. XCI (1977): 301-305.

Discurso proferido por ocasião da homenagem prestada pela Associação dos Engenheiros-Agrônomos do Ceará ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, na noite de 02.09.1976.

_____ **Antropologia no Instituto do Ceará.**

TE. 6 (1977): 71-73.

O A. destaca a atuação do Dr. Pompeu Sobrinho nos estudos antropológicos e registra a existência do Instituto de Antropologia da UFC, que não teve continuidade.

_____ **Algumas origens do ensino e pesquisa das ciências agrárias no Ceará.**

t. XCII (1978): 133-148.

Estudo apresentado no sexagésimo aniversário da fundação da Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

_____ **Ao historiador Raimundo Girão.**

t. XCIII (1979): 355-360.

Dados biográficos de Raimundo Girão.

_____ **Zoneamento agrário do Nordeste, relatório preliminar (Um comentário à margem).**

t. XCIII (1979): 9-51.

Estudo técnico visando a uma política de desenvolvimento da Região. Ministério da Agricultura - Projeto PROTERRA - INCRA - 1979. v. I e II.

_____ **Abrangência e atualidade de Pompeu Sobrinho.**

t. XCIV (1980): 351-381.

Estudo elaborado à guisa de Introdução a 2ª edição do livro Protohistória Cearense, publicado pela UFC, em 1980.

_____ **Problemática dos recursos naturais numa visão sistêmica do desenvolvimento econômico e humano.**

t. XCV (1981): 33-51.

O título define o conteúdo do estudo. Cita onze referências bibliográficas. O assunto relaciona-se com problemas ecológicos.

_____ **Um livro para o Brasil e para o mundo.**

t. XCVI (1982): 339-343.

Discurso feito no lançamento do livro *Grandes Reflexos do Brasil*, de autoria do professor Melquiades Pinto Paiva.

_____ **O centenário do Padre Francisco Lino Aderaldo.**

t. XCVI (1982): 185-195.

Dados biográficos do Pe. Francisco Lino Aderaldo de Aquino (1882-1941).

_____ **Centenário de Eusébio de Sousa.**

t. XCVII (1983): 19-27.

Dados biográficos. Eusébio Neri Alves de Sousa foi historiador, magistrado e jornalista.

_____ **José Denizard Macedo de Alcântara (In Memoriam).**

t. XCVIII (1984): 129-131.

Necrológio.

_____ **Penetração civilizadora.**

TE. 8 (1987): 49-84.

Excelente trabalho de pesquisa e análise, abrangendo aspectos históricos, geográficos e sociais da formação da civilização brasileira. O A. estuda os seguintes aspectos: povoamento, penetração e expansão pastoril, desde o início da colonização até o século XX, analisando, ainda, a realidade histórica brasileira, dentro de um projeto de "reforma agrária e urbana do Nordeste". São citadas vinte e seis obras.

_____ **Fisionomia histórico-geográfica da penetração civilizadora.**

t. CIII (1989): 93-127.

Estudo complementar daquele publicado na RIC, TE. 8 (1987): 49-84, sob o título "Penetração civilizadora".

____ **Reflexões sobre a reforma agrária.**

t. CV (1991): 109-123.

Tópicos: Reforma agrária e reforma urbana; a verdadeira face da Reforma Agrária; Socialismo no campo e Capitalismo na cidade; desentendimentos e limitações da Reforma Agrária no Ceará; as bacias de irrigação e a Reforma Agrária no Nordeste; uma fundação universitária no meio rural.

**Helio de Sousa Melo
na Revista do Instituto do Ceará**

PEDRO ALBERTO DE OLIVEIRA SILVA^(*)

Verbetes transcritos do Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará (Tomo 69 ao 109, 1955-1997).

MELO, Hélio de Sousa.

Os estudos filológicos e o Instituto do Ceará.

TE. 6 (1977): 79-80.

O A. faz um breve comentário sobre a atuação do Prof. Martinz de Aguiar no campo da filologia portuguesa.

____ **Elogio acadêmico de Eduardo Gomes de Matos.**

t. XCII (1978): 185-190.

Comentário e dados biográficos sobre o Professor Eduardo Gomes de Matos (1892-1965), durante muitos anos Inspetor Federal de Estabelecimentos de Ensino Secundário. O A. cita os nomes de seus treze irmãos, muitos deles destacados cidadãos em Fortaleza.

____ **Acmeodontia.**

t. XCVII (1983): 58-60.

Comenta termos científicos ligados à odontologia. Acmeodontia seria uma odontologia aplicada a adultos, contrapondo-se à odonto-pediatria.

____ **Centenário de Cruz Filho.**

t. XCVIII (1984): 159-173.

Poeta cearense (1884-1974). Estudo biográfico muito bem elaborado.

____ **Longos e efêmeros papados.**

t. C (1986): 82-88.

Relação dos pontífices católicos que morreram com menos e mais idade; os de maior e menor período de pontificado. e registro dos acontecimentos marcantes dos quais participaram.

____ **Volatizar ou volatizar-se.**

t. CI (1987): 154-157.

Os dois termos estão corretos. O A. cita dezenas de exemplos semelhantes.

____ **Anético e não aético.**

t. CII (1988): 102-103.

Etimologia e significado. O A. comenta o prefixo grego "a" (negação) e cita exemplos.

____ **Femininos e plurais dos nomes femininos terminados em "ao".**

t. CIII (1989): 214-226.

____ **Plural dos compostos.**

t. CIV (1990): 74-82.

____ **Frei Marcelino de Milão, mensageiro do ideal franciscano.**

t. V (1991): 311-320.

Frei Marcelino de Milão-Ernesto Oriani - (1882-1940) foi um missionário que viveu muitos anos em Messejana, Fortaleza. O A. destaca a personalidade e o zelo religioso de Frei Marcelino, que veio a falecer do mal de Hansen.

____ **Djacir Meneses.**

t. CX (1996): 267-271.

Necrológio.